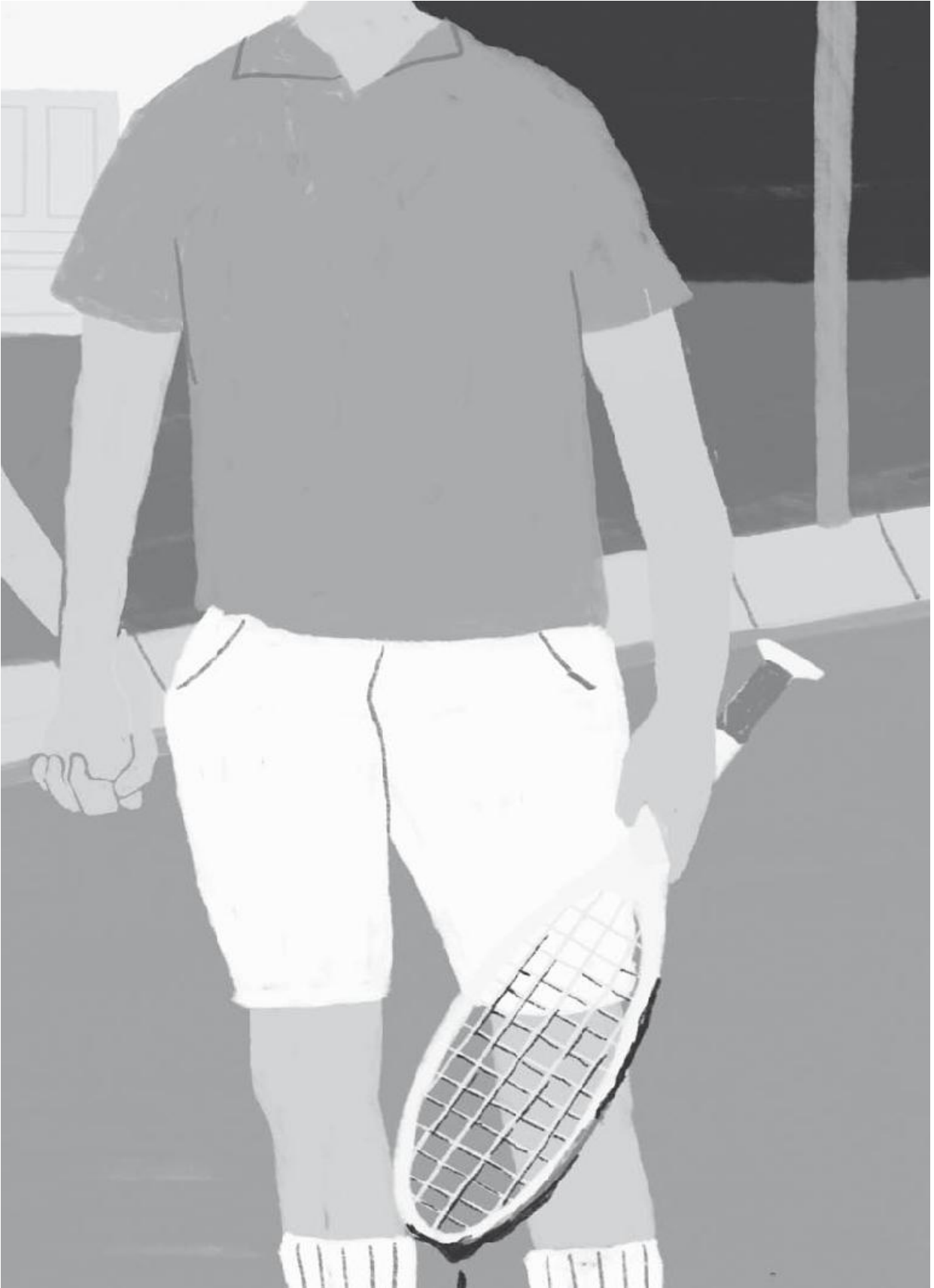


# MINHA ADORÁVEL ● ESPOSA



Samantha  
Downing

Esta edição foi feita com  
carinho pela TAG para  
seus associados.



# MINHA ADORÁVEL ESPOSA

Samantha Downing

TRADUÇÃO  
*Hilton Lima*



 **dublinense**

Porto Alegre · São Paulo  
2020

# Índice

[Créditos](#)

[Minha adorável esposa](#)

[Sobre a autora](#)

Copyright © 2019 Samantha Downing Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução total ou parcial Edição publicada mediante acordo com Berkley, um selo da Penguin Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC

Título original: *My lovely wife*

CONSELHO EDITORIAL Gustavo Faraon e Rodrigo Rosp CAPA E PROJETO GRÁFICO Luísa Zardo REVISÃO DA TRADUÇÃO Davi Boaventura REVISÃO Raquel Belisario e Rodrigo Rosp FOTO DA AUTORA Jacqueline Dallimore

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

D751m Downing, Samantha Minha adorável esposa / Samantha Downing ; trad. Hilton Lima. — Porto Alegre : Dublinense, 2020.

384 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-5553-001-8

1. Literatura Norte-Americana. 2. Romance Policial.  
3. Romance Norte-Americano. I. Lima, Hilton. II. Título.

CDD 813.5

---

Catálogo na fonte: Ginamara de Oliveira Lima (CRB 10/1204)

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Dublinense Ltda.

Av. Augusto Meyer, 163 sala 605

Auxiliadora • Porto Alegre • RS

contato@dublinense.com.br



## Um

Ela está me olhando. Seus olhos azuis são cristalinos, descem rápido para a sua bebida e se erguem de novo. Eu olho para a minha própria bebida e posso sentir que ela olha para mim, querendo saber se estou tão interessado quanto ela. Faço contato visual e dou um sorriso para mostrar que estou. Ela sorri de volta. A maior parte do seu batom se foi, é agora uma mancha avermelhada na borda do copo. Caminho até lá e sento no banco ao seu lado.

Ela brinca com os cabelos. São genéricos tanto na cor como no volume. Seus lábios se movem, ela diz olá e seus olhos brilham. Eles parecem iluminados por dentro.

Fisicamente, sou atraente para ela da mesma maneira que seria para a maioria das mulheres neste bar. Estou com trinta e nove anos, em excelente forma, com cabelos em profusão e um par marcante de covinhas, e meu terno me serve como uma luva. É por isso que ela olhou para mim, por isso que ela sorriu, por isso que ela está feliz por eu ter me oferecido para ser sua companhia. Sou o homem que ela tanto deseja.

Eu deslizo meu telefone na bancada do bar até ela. Ele mostra uma mensagem:

Olá. Meu nome é Tobias.

Ela lê e enrugando a testa, olhando de lá para cá entre o telefone e eu. Eu digito outra mensagem.

Eu sou surdo.

Suas sobrancelhas saltam para o alto, ela cobre a boca com uma mão e na sua pele brota aquele tom rosado. O constrangimento parece igual em todo mundo.

Ela balança a cabeça. Perdão, mil perdões. Ela não sabia.

Claro que não. Como você ia saber?

Ela sorri. Não é um sorriso completo.

Já não sou mais a imagem em sua cabeça, não sou mais o homem que ela fantasiava, mas agora ela não sabe bem o que fazer.

Ela pega o meu telefone e digita uma resposta.

Eu me chamo Petra.

É um prazer te conhecer, Petra. Você é russa?

Os meus pais eram.

Eu gesticulo com a cabeça e dou um sorriso. Ela gesticula com a cabeça e dá um sorriso. Posso ver a mente dela se debatendo.

Ela preferia não estar comigo. Quer encontrar um homem que possa ouvir sua risada e que não precise digitar as palavras.

Ao mesmo tempo, sua consciência a manda não discriminar. Petra não quer ser a mulher superficial que recusa um homem por ele ser surdo. Ela não quer me rejeitar como tantas outras fizeram.

Ou isso é o que ela acredita.

Sua luta interior é como uma peça de três atos que se desenvolve diante dos meus olhos, e eu sei o final. Na maioria das vezes, pelo menos.

Ela fica.

Sua primeira pergunta é sobre minha audição, ou sobre a falta dela. Sim, sou surdo de nascença. Não, nunca escutei nada — nem uma risada, nem uma voz, nem o latido de um filhotinho ou um avião passando pelo céu.

Petra faz uma cara triste. Ela não percebe o quanto sua reação é condescendente, e não digo nada para ela, porque ela está se esforçando. Porque ela fica.

Ela pergunta se eu posso ler lábios. Eu concordo com a cabeça. Ela começa a falar.

— Quando eu tinha doze anos, quebrei minha perna em duas partes. Acidente de bicicleta — a boca dela se movimenta da forma mais exagerada e grotesca. — Enfim, tive que usar gesso do pé até a coxa — ela para, desenha uma linha na coxa, caso eu tenha

dificuldade de entender. Eu não tenho, mas aprecio a gentileza. E a coxa.

Ela continua: — Fiquei sem caminhar por seis semanas. Na escola, eu tive que andar de cadeira de rodas, porque o gesso era pesado demais para eu usar muletas.

Eu dou um sorriso, meio que imaginando a pequena Petra com um grande gesso. Meio que imaginando onde esta triste conversa vai chegar.

— Não estou falando que eu sei como é viver numa cadeira de rodas, ou que eu sei como é ter qualquer tipo de deficiência permanente. É que eu sempre sinto como se... Bom, parece que eu tive um gostinho do que seria, entende?

Eu concordo.

Ela sorri aliviada, com medo de que sua história pudesse ter me ofendido.

Eu digito:

Você é muito sensível.

Ela encolhe os ombros. Fica radiante com o elogio.

Tomamos outro drinque.

Eu conto a ela uma história que não tem nada a ver com ser surdo. Falo do meu animal de estimação na infância, um sapo chamado Sherman. Era um sapo-boi que sentava na pedra mais alta da lagoa e devorava todas as moscas. Nunca tentei domesticar Sherman; eu apenas o observava, e às vezes ele me observava também. Nós dois gostávamos de nos sentar um do lado do outro, e comecei a dizer que ele era meu animal de estimação.

— O que aconteceu com ele? — Petra pergunta.

Eu encolho os ombros.

Um dia não tinha ninguém na pedra. Nunca mais o vi.

Petra diz que isso é uma coisa triste. Digo para ela que não é. Triste seria encontrá-lo morto e ser obrigado a enterrar o bicho. Nunca precisei fazer algo assim. Eu simplesmente concluí que ele foi para uma lagoa maior com mais moscas.

Ela gosta do que falei e diz isso para mim.

Não conto a ela tudo sobre Sherman. Por exemplo, ele tinha uma língua comprida que disparava tão rápido que eu mal conseguia ver,

embora eu sempre quisesse pegar. Eu costumava ficar sentado em frente à lagoa pensando no quanto essa ideia era errada. Quão terrível seria tentar agarrar a língua de um sapo? Ele iria se machucar? Se ele morresse, seria assassinato? Nunca tentei pegar a sua língua e, de qualquer forma, provavelmente não conseguiria, mas pensei no assunto. E esse pensamento fez eu me sentir como se não fosse um amigo tão bom assim para Sherman.

Petra me conta sobre seu gato, Lionel, cujo nome é o mesmo do gato que ela tinha na infância, também Lionel. Digo a ela que a coincidência é engraçada, mas não tenho lá tanta certeza assim. Ela me mostra fotos. Lionel é um gato bicolor, com o rosto dividido em preto e branco. Ele é corpulento demais para ser bonitinho.

Ela continua a falar e muda a conversa para o seu trabalho. Ela cria a marca de produtos e de empresas, e diz que é tanto a coisa mais fácil quanto a mais difícil que existe. Difícil no começo, porque é complicado demais fazer as pessoas se lembrarem de algo, mas, depois que mais pessoas começam a reconhecer a marca, fica fácil.

— Em determinado momento, nem importa mais o que a gente está vendendo. A marca se torna mais importante do que o produto — ela aponta para o meu celular e pergunta se eu comprei o aparelho por causa do nome ou porque gosto do telefone.

As duas coisas?

Ela sorri. — Viu? Você já nem sabe mais.

Acho que não.

— O que você faz?

Contador.

Ela concorda com a cabeça. É a profissão menos excitante do mundo, mas é sólida, estável e algo que um cara surdo pode fazer com facilidade. Os números não falam com uma voz.

O barman se aproxima. Ele é limpo e com boa aparência, tem idade de universitário. Petra se encarrega dos pedidos, e é porque eu sou surdo. As mulheres sempre acham que eu preciso de cuidados. Gostam de fazer as coisas para mim porque acham que sou fraco.

Petra garante mais duas bebidas para nós dois e um novo prato de petiscos, e sorri como se estivesse orgulhosa de si. Isso me faz dar uma risada. Silenciosa, mas ainda assim uma risada.

Ela se inclina na minha direção e põe a mão no meu braço. Deixa a mão ali. Ela esqueceu que eu não sou o homem ideal para ela, e nosso futuro agora é previsível. Não demora muito até irmos para a casa dela. A decisão é mais fácil do que deveria ser, embora não por eu achá-la particularmente atraente. É a escolha. Ela me dá o poder de decidir, e agora, neste momento, eu sou o homem que diz sim.

Petra mora no Centro, perto do bar, no meio daqueles anúncios todos exibindo promoções. A casa dela não é tão arrumada quanto eu imaginava. Vejo bagunça por todos os lados: papéis e roupas e louças. Isso me faz pensar que ela perde as chaves toda hora.

— Lionel está em algum lugar aqui. Provavelmente se escondendo.

Não saio procurando aquele gato gordo.

Ela anda rápido, largando a bolsa em um lugar e tirando os sapatos em outro. Surgem duas taças, cheias de vinho tinto, e ela me leva para o quarto. Ela vira o rosto para me olhar, sorrindo. Petra se tornou mais atraente — mesmo o seu cabelo genérico parece cintilar. É o álcool, sim, mas também é a felicidade dela. Tenho a sensação de que ela não se sente feliz assim há um tempo, e não sei ao certo o porquê. Petra é atraente o bastante.

Ela se encosta em mim, com seu corpo quente, com seu hálito encharcado de vinho. Pega a taça da minha mão e a coloca de lado.

Eu só termino de beber o vinho muito mais tarde, quando estamos no escuro e a única luz é a do meu telefone. Digitamos de lá para cá, fazendo graça do fato de não nos conhecermos.

Eu pergunto:

Cor predileta?

Verde-limão. Sorvete?

Tutti-frutti.

Tutti-frutti? Aquele azul?

Sim.

Quem é que responde isso?

Qual seu predileto?

Baunilha. Pizza?

De presunto.

Pra mim chega.

Chega?

Espera, ainda estamos falando de pizza?

Não estamos falando de pizza.

Mais tarde, ela pega no sono primeiro. Penso em ir embora e então em ficar, e a ideia me martela por tanto tempo que acabo cochilando.

Quando acordo, ainda está escuro. Saio devagar da cama sem acordar Petra. Ela dorme com o rosto para baixo, com uma perna de lado e o cabelo espalhado pelo travesseiro. Não consigo decidir se gosto dela ou não, e assim resolvo não tomar decisão alguma. Não preciso decidir.

Na mesa de cabeceira, os brincos dela. São feitos de vidro colorido, um redemoinho de tons azuis, e são parecidos com seus olhos. Depois de me vestir, guardo os brincos no meu bolso. Estou com eles para me lembrar de não fazer isso de novo. Quase acredito que vai funcionar.

Caminho em direção à porta da entrada sem olhar para trás.

— Você é mesmo surdo?

Ela diz em voz alta, atrás de mim.

Eu a escuto porque não sou surdo.

E continuo caminhando.

Finjo que não escutei nada, vou direto até a porta e fecho ao sair, e depois continuo até estar do lado de fora do prédio, no quarteirão em frente e dobrando a esquina. Somente então eu paro e me pergunto como ela descobriu. Eu devo ter cometido algum erro.

## Dois

Meu nome não é Tobias. Uso esse nome apenas quando quero que alguém se lembre de mim. Neste caso, o barman. Eu me apresentei e digitei o meu nome quando entrei e pedi uma bebida. Ele vai se lembrar de mim. Ele vai lembrar que Tobias é o surdo que saiu do bar com uma mulher que tinha acabado de conhecer. O nome é para ajudar o barman, não para ajudar Petra. Ela vai se lembrar de mim de qualquer jeito, afinal com quantos surdos ela já dormiu?

E se não tivesse cometido um erro, eu teria sido apenas uma estranha nota de rodapé no histórico sexual dela. Mas agora ela vai se lembrar de mim como o “falso surdo” ou o “provável falso surdo”.

Quanto mais eu penso, mais eu me pergunto o quanto me descuidei. Talvez eu tenha paralisado quando ela me perguntou se eu era surdo. É possível, porque é o que a gente faz quando escuta algo inesperado. E, se eu paralisar, ela provavelmente viu. Ela deve saber que eu menti.

Voltando para casa de carro, tudo está desconfortável. O banco parece áspero e machuca as minhas costas. O rádio arrebenta alto demais, quase como se o mundo inteiro estivesse aos berros. Mas não posso só culpar Petra pelo meu mau humor. Eu tenho andado meio irritável já faz um tempo.

Em casa, tudo está tranquilo. Minha esposa, Millicent, ainda está na cama. Sou casado com ela há quinze anos, e ela não me chama de Tobias. Temos dois filhos: Rory tem quatorze anos e Jenna é um ano mais nova.

Nosso quarto está escuro, mas consigo enxergar a silhueta de Millicent debaixo das cobertas. Eu tiro meus sapatos e caminho na ponta dos pés até o banheiro.

— E aí?

Millicent soa completamente acordada.

Eu meio que me viro e vejo a sua sombra apoiada sobre um cotovelo.

Aí está outra vez. A escolha. De Millicent, uma raridade.

— Não — eu digo.

— Não?

— Ela não serve.

O ar entre nós se congela. Só derrete depois de Millicent suspirar e deitar sua cabeça no travesseiro de novo.

Ela se levanta antes de mim. No momento em que eu entro na cozinha, Millicent está organizando o café da manhã, os lanches para a escola, o dia, as nossas vidas.

Eu sei que deveria contar a ela sobre Petra. Não sobre o sexo — pois eu não contaria algo assim para a minha esposa. Mas eu deveria contar que cometi um erro e que Petra na verdade nos serve. Eu deveria fazer isso porque é um risco deixar Petra solta lá fora.

No entanto, eu não digo nada.

Millicent olha para mim, a sua decepção tem o impacto de uma força física. Seus olhos são verdes, muitos tons de verde, e parecem uma camuflagem.

Não são nada parecidos com os de Petra. Millicent e Petra não têm nada em comum, com a exceção de terem dormido comigo. Ou com alguma versão minha.

As crianças descem a escada aos trancos, já gritando uma com a outra, brigando por causa de quem falou tal coisa sobre essa ou aquela pessoa ontem na escola. Estão vestidas e prontas para a aula, da mesma forma que eu estou vestido para o trabalho no meu uniforme branco de tenista. Não sou nem nunca fui um contador.

Enquanto meus filhos estão na escola e minha esposa está vendendo casas, estou lá fora na quadra, debaixo do sol, ensinando pessoas a jogar tênis. A maioria dos meus clientes é de meia-idade e está fora de forma, com dinheiro e tempo sobrando. Ocasionalmente, sou contratado por pais que acreditam que o filho deles é um prodígio, um campeão, um futuro modelo para a sociedade. Até então, todos eles erraram.

Mas, antes que eu possa sair para ensinar qualquer coisa para alguém, Millicent nos obriga a sentarmos todos juntos durante, pelo menos, cinco minutos. Ela chama isso de café da manhã.

Jenna revira os olhos, bate o pé, fica ansiosa para pegar o celular de novo. Telefones não são permitidos na mesa. Rory é mais calmo que sua irmã. Ele aproveita a maior parte dos nossos cinco minutos comendo o máximo possível, e depois forrando os bolsos com o que não couber na sua boca.

Millicent se senta à minha frente, com uma xícara de café pousada nos lábios. Ela está vestida para o trabalho com saia, blusa e salto-alto, e seu cabelo ruivo está preso. O sol matinal faz os fios parecerem cobre. Nós temos a mesma idade, mas ela parece melhor, sempre pareceu. Ela é a mulher que eu não deveria ter conquistado.

Minha filha toca em meu braço em um padrão rítmico, como a batida de uma canção, e continua até eu prestar atenção nela. Jenna não é parecida com a mãe. Seus olhos, seus cabelos e o formato do rosto puxaram os meus, e às vezes isso me deixa triste. Outras vezes não.

— Pai, você pode me levar pra comprar um tênis novo hoje? — ela pergunta. E sorri, porque sabe que eu vou dizer sim.

— Sim — eu digo.

Millicent me chuta embaixo da mesa. — Aqueles seus tênis têm um mês de uso — ela diz para Jenna.

— Mas já estão muito apertados.

Nem mesmo minha esposa consegue rebater essa.

Rory pergunta se pode jogar videogame por alguns minutos antes da escola.

— Não — Millicent diz.

Ele olha para mim. Eu deveria dizer não, mas sei que não posso, não depois de ter falado sim para a sua irmã. Ele sabe disso, porque Rory é o mais esperto. Ele também é o mais parecido com Millicent.

— Pode ir — eu digo.

Ele sai correndo.

Millicent bate a xícara de café na mesa.

Jenna pega o seu celular.

Estamos livres do café da manhã.

Antes de se levantar da mesa, Millicent me fuzila com os olhos. Ela se parece exatamente igual à minha esposa e, ao mesmo tempo, não se parece nada com ela.

Vi Millicent pela primeira vez em um aeroporto. Eu tinha vinte e dois anos e voltava do Camboja, onde havia passado o verão com três amigos. A gente se chapava durante o dia e se embebedava durante a noite, e nós nunca fazíamos a barba. Saí do país como um garoto arrumadinho dos subúrbios e voltei um homem barbudo e desgrenhado com um bronzeado chamativo e grandes histórias para contar. Nenhuma delas comparável a Millicent.

Eu estava fazendo uma conexão, a minha primeira na volta ao país. Passei pela alfândega e caminhava em direção ao terminal quando me deparei com ela. Millicent estava sentada em uma área vazia próxima ao portão, sozinha, com os pés apoiados na sua mala. Ela encarava as janelas panorâmicas em frente à pista de decolagem. Seu cabelo ruivo estava amarrado em um coque solto e ela usava uma camiseta, jeans e tênis. Eu parei para observá-la enquanto ela olhava os aviões.

Foi o jeito que ela olhava para a janela.

Eu havia feito a mesma coisa ao partir para a minha viagem. Meu sonho sempre foi viajar, conhecer lugares como Tailândia, Camboja e Vietnã, e foi o que eu fiz. Agora eu estava de volta a um território familiar, de volta para minhas origens, mas meus pais não estavam mais aqui. Embora eu nem saiba dizer se eles algum dia estiveram. Não para mim, pelo menos.

Quando retornei, meu sonho de viajar havia sido realizado, mas não substituído por outro. Não até eu ver Millicent. Parecia que ela estava apenas começando o seu próprio sonho. Naquele momento, eu quis fazer parte da história dela.

Naquela época, eu não pensei em todas essas coisas. Isso veio mais tarde, quando eu tentava explicar a ela ou a qualquer outra pessoa por que a achei tão atraente. Mas, lá atrás, eu segui para o meu próximo portão. Depois de viajar por vinte horas, e com mais

algumas por vir, eu não conseguia sequer reunir coragem para falar com ela. Tudo o que eu podia fazer era admirar.

Acabou que nós estávamos no mesmo voo. Interpretei isso como um sinal.

A poltrona dela ficava ao lado da janela e a minha ficava no centro da fila do meio. Foi preciso um pouco de argumentação, certo flerte com uma comissária de bordo e uma nota de vinte dólares para eu mudar de lugar e sentar ao lado de Millicent. Ela nem olhou quando eu me sentei.

Quando o carrinho das bebidas chegou, eu tinha preparado um plano. Pediria o que quer que ela pedisse e, como eu já havia decidido que ela era alguém especial, não podia imaginá-la pedindo uma bebida tão mundana quanto água. Seria algo mais incomum, como suco de abacaxi com gelo, e, quando eu pedisse o mesmo drinque, teríamos um momento de simetria, de simbiose, de alegria fortuita — não importava o nome.

Considerando toda minha falta de sono, este plano soou plausível na minha cabeça até Millicent dizer um “não, obrigada” para a comissária. Ela não queria beber nada.

Eu disse a mesma coisa. Não teve o efeito que eu queria.

Mas, quando Millicent se virou para a comissária, eu vi seus olhos pela primeira vez. A cor me lembrava dos campos abertos e majestosos que eu encontrava por todo o Camboja. Não eram nem de perto tão escuros como eles são agora.

Ela voltou a olhar pela janela. Voltei a olhar para ela, fingindo não olhar.

Eu disse para mim mesmo que eu era um idiota e que não deveria falar com ela.

Eu disse para mim mesmo que havia algo errado comigo, porque pessoas normais não agiam assim com uma garota que nunca tinham visto antes.

Eu disse para mim mesmo que não deveria ser um predador.

Eu disse para mim mesmo que ela era linda demais para mim.

Com trinta minutos faltando para a aterrissagem, eu falei: — Oi.

Ela se virou. Me encarou. — Oi.

Acho que foi aí que eu parei de prender a respiração.

Passaram-se anos até eu perguntar por que ela ficou encarando as janelas, tanto no aeroporto quanto na aeronave. Ela disse que foi porque era sua primeira viagem de avião. A única coisa com a qual ela sonhava era um pouso seguro.

## Três

Petra era a número um da lista, mas, agora que ela foi eliminada, eu parto para a próxima, uma moça chamada Naomi George. Ainda não falei com ela.

À noite, dirijo até o Lancaster Hotel. Naomi trabalha como recepcionista no Lancaster, um daqueles lugares do velho mundo que sobrevivem devido às suas glórias passadas. O prédio é enorme e tem uma decoração tão imponente que jamais poderia ser construído nos dias de hoje. Seria caro demais se fizessem certo e brega demais se fizessem errado.

A fachada do hotel tem vidraças e painéis laterais, o que dá uma boa vista do balcão da recepção. Naomi está em pé atrás dele usando o uniforme do Lancaster, uma saia azul e um blazer, ambos com frisos dourados, e uma blusa branca lisa. Ela tem um cabelo preto comprido e as sardas em seu rosto a fazem parecer mais jovem do que é. Naomi tem vinte e sete anos. Provavelmente ainda pedem sua identidade nos bares, mas ela não é tão inocente quanto parece.

No fim da noite, eu já a observei sendo um pouco amistosa demais com mais de um cliente. Todos eles eram homens desacompanhados, mais velhos e bem vestidos, e nem sempre ela deixa o hotel quando o seu expediente termina. Ou Naomi está ganhando um dinheirinho extra por fora ou ela tem uns encontros sexuais meio suspeitos.

Por causa das mídias sociais, eu sei que sua comida favorita é sushi e que ela não come carne vermelha. Na escola, jogou vôlei e teve um namorado chamado Adam. Agora ela se refere a ele como O Cretino. O seu último namorado, Jason, foi embora há três meses, e ela está solteira desde então. Naomi está pensando em arranjar um animal de estimação, talvez um gato, só ainda não fez nada em relação ao assunto. Ela tem mais de mil amigos online,

mas, pelo que pesquisei, Naomi tem só duas amigadas íntimas. Três no máximo.

Ainda não sei se ela serve. Preciso saber mais.

Millicent, porém, está cansada de esperar.

Ontem à noite, encontrei Millicent no nosso banheiro, parada em frente ao espelho, limpando a maquiagem. Ela usava jeans e uma camiseta que a exaltava como mãe de um estudante nota dez da sétima série. Jenna, não Rory.

— O que tinha de errado com ela? — perguntou. Millicent não usa o nome de Petra porque ela não precisa usar. Eu sei a quem ela se refere.

— Ela não servia, só isso.

Millicent não me olhou através do espelho. Ela passou creme no rosto. — É a segunda que você elimina.

— Ela tem que ser perfeita. Você sabe disso.

Ela fechou a tampa do seu tubo de hidratante com um estalo. Fui para o quarto e me sentei para tirar os tênis. O dia havia sido longo e precisava ter um fim, mas Millicent não queria deixar acabar. Ela me seguiu até o quarto e parou na minha frente.

— Tem certeza de que ainda quer fazer isso? — ela perguntou.

— Sim.

Eu estava ocupado demais lidando com o remorso por ter dormido com outra mulher para poder demonstrar qualquer tipo de entusiasmo. A culpa se alastrou dentro de mim durante a tarde, quando vi um casalzinho de idosos; eles deviam ter no mínimo noventa anos de idade e andavam de mãos dadas ao caminhar pela rua. Casais assim não traem um ao outro. Ergui o olhar para Millicent e desejei ter a possibilidade de fazer com que fôssemos assim.

Millicent se ajoelhou na minha frente e colocou uma das mãos em meu joelho. — Nós precisamos fazer isso.

Seus olhos faiscaram, o calor da sua mão se espalhando enquanto ela subia pela minha perna. — Você tem razão — eu disse. — Precisamos fazer isso.

Ela se inclinou mais perto e me deu um beijo demorado e profundo. Isso fez com que eu me sentisse ainda mais culpado. E

me deu vontade de fazer o que estivesse ao meu alcance para deixá-la feliz.

Menos de vinte e quatro horas mais tarde, estou sentado em frente ao Lancaster Hotel. O expediente de Naomi não se encerra antes das onze horas, e não posso esperar do lado de fora do hotel durante as próximas três horas. Em vez de ir para casa, pego uma comida e então me sento em um bar. É um lugar conveniente para ir quando não há nenhum outro lugar.

O local que escolhi está parcialmente cheio, com um público composto, no geral, por homens solitários. Não é tão bacana quanto o bar onde eu estive com Petra. Os drinques custam a metade e os que estão usando terno já afrouxaram a gravata. O piso de madeira é pontilhado por arranhões produzidos pelos bancos e manchas circulares de copos decoram a bancada do bar. Este é um local para quem bebe, feito por quem bebe, um local onde todo mundo está inebriado demais para se importar com detalhes.

Eu peço uma cerveja e assisto um jogo de beisebol em uma televisão e as notícias na outra.

É a parte de baixo da terceira entrada, com dois eliminados. Vai chover amanhã, talvez, mas, como se fosse uma surpresa, também pode fazer sol. Sempre faz sol aqui em Woodview, Flórida, um suposto enclave do mundo real. Em menos de uma hora, podemos estar à beira do oceano, em uma reserva natural ou em um dos maiores parques de diversões do mundo. Sempre falamos da sorte que temos de morar aqui na Flórida central, principalmente aqueles de nós que moram na subdivisão de Hidden Oaks. O “Oaks” é um enclave dentro do enclave.

O jogo está na quarta entrada, com um eliminado. Ainda faltam duas horas para o expediente de Naomi terminar e eu poder seguir seu rastro.

E, então, Lindsay.

Seu rosto sorridente olha fixo para mim da tela da televisão.

Lindsay, com seus olhos castanhos estreitos e cabelo loiro liso, seu bronzeado de quem está sempre ao ar livre e seus grandes dentes brancos.

Ela desapareceu um ano atrás. Por uma semana, foi presença constante nos telejornais e aí a notícia morreu. Sem familiares próximos para mantê-la na tevê, ninguém prestou atenção. Lindsay não era uma criança desaparecida, não era indefesa. Era uma mulher adulta, e foi esquecida em menos de sete dias.

Não por mim. Eu ainda me lembro da sua risada. Era contagiante o suficiente para me fazer rir junto com ela. Vê-la de novo me faz lembrar o quanto eu gostava dela.

## Quatro

A primeira vez que falei com Lindsay foi durante uma caminhada. Em uma manhã de sábado, eu a segui pelas trilhas acidentadas logo na saída da cidade. Ela foi por uma trilha, eu fui por outra e uma hora depois acabamos nos encontrando.

Quando Lindsay me viu, me cumprimentou e disse olá de um jeito que não dava brecha para mais conversa. Eu acenei e disse olá com os lábios. Inconscientemente, ela me lançou um olhar confuso, e eu entreguei a ela meu celular para poder me apresentar.

Perdão, isso deve ter sido estranho! Olá, meu nome é Tobias. Eu sou surdo.

Suas defesas foram embora.

Ela se apresentou, nós conversamos, daí nos sentamos para tomar água e ela me ofereceu um lanchinho. Puxa-puxa. Tinha um punhado deles.

Lindsay revirou os olhos. — É terrível, né? Comer açúcar e fazer exercício? Mas eu adoro isso aqui.

Eu também.

Era verdade. Eu não comia puxa-puxa desde a infância, mas adorava.

Ela me contou sobre seu cotidiano, sobre o trabalho, casa, e também hobbies que eu já conhecia. Eu contei a ela as mesmas histórias que conto para todas elas. Quando o sol da manhã começou a subir, decidimos completar a nossa caminhada juntos. Ficamos em silêncio pela maior parte do caminho. Eu gostei. Minha vida quase nunca era silenciosa.

Ela recusou meu convite para almoçar, mas anotamos o telefone um do outro. Eu dei a ela o número de telefone que uso quando sou Tobias.

Lindsay me mandou uma mensagem dias depois da caminhada. Receber notícias dela me fez sorrir.

Foi muito bom te conhecer semana passada, espero que a gente possa fazer uma caminhada juntos outra hora.

Fizemos.

Dessa vez, uma trilha diferente, mais para o norte e perto da floresta Indian Lake. Ela trouxe puxa-puxa de novo. Eu trouxe um cobertor. Paramos para descansar em uma área onde a luz do sol era bloqueada por uma densa folhagem. Quando nos sentamos, dei um sorriso para ela, e foi verdadeiro.

— Você é bonitinho — ela disse.

Não, você que é bonitinha.

Ela mandou uma mensagem dias depois e eu ignorei. Naquela altura, Millicent e eu havíamos concordado que Lindsay era a pessoa certa.

Agora, um ano depois, Lindsay está de volta na tevê. Eles a acharam.

Vou do bar direto para casa. Millicent já está lá, sentada na varanda do jardim. Ainda está com as roupas de trabalho, e seus característicos sapatos de couro combinam com a cor da pele. Ela diz que eles fazem suas pernas parecerem mais longas, e eu concordo. Sempre reparo quando ela usa esses sapatos, mesmo agora.

Depois de trabalhar o dia inteiro e ainda ficar enfiado no carro observando Naomi, percebo o quanto preciso de um banho. Mas Millicent nem vira o nariz quando me sento ao seu lado. Antes que eu abra a boca, ela começa a falar.

— Isso não é um problema.

— Tem certeza? — eu pergunto.

— Absoluta.

Não sei se isso é verdade. A ideia era que nós dois resolvêssemos juntos esse negócio de Lindsay, mas não foi o que aconteceu. E eu não tenho nem como discutir sobre.

— Eu não entendo como...

— Isso não é um problema — ela diz novamente. Ela aponta para o alto, gesticulando para o segundo piso da nossa residência. As crianças estão em casa. Quero perguntar mais, mas não posso.

— Com a próxima, nós vamos ter que esperar — eu digo. — Não devemos fazer nada agora.

Ela não responde.

— Millicent?

— Eu ouvi.

Quero perguntar a ela se entende, mas sei que sim. Ela apenas não gosta disso. Está irritada que Lindsay foi descoberta agora, bem na hora em que estávamos planejando outra. É como se ela estivesse viciada.

E não é a única.

Quando conheci Millicent no avião, não foi amor à primeira vista. Para ela, não foi. Não foi sequer um leve interesse. Depois de dizer oi, ela virou o rosto e continuou olhando para a janela. Eu voltei bem para onde havia começado. Deitei minha cabeça no encosto da poltrona, fechei os olhos e me repreendi por não ter a coragem de falar mais.

— Com licença.

Minhas pálpebras voaram para cima.

Ela estava olhando para mim, com seus grandes olhos verdes, sua testa enrugada.

— Você está bem? — ela perguntou.

Eu concordei com a cabeça.

— Tem certeza?

— Tenho. Não entendi por que você...

— Porque você está batendo a cabeça nisso aqui — ela apontou para o encosto da cabeça. — Você está balançando a poltrona.

Eu nem havia percebido que estava fazendo aquilo. Achei que toda a repreensão mental fosse apenas isso: mental. — Desculpe.

— Tudo bem contigo então?

Eu me recompus o suficiente a ponto de perceber que a garota que eu estava paquerando agora falava comigo. Ela até parecia preocupada.

Dei um sorriso.

— Estou bem, eu só estava...

— Batendo a cabeça. Eu faço a mesma coisa.

— Por qual motivo?

Ela deu de ombros. — Várias coisas.

Senti uma vontade enorme de saber tudo que fazia essa garota bater a cabeça de frustração, mas o trem de pouso tinha acabado de ser acionado e não tínhamos tempo. — Me diga uma.

Ela avaliou a minha pergunta, colocando até mesmo o dedo indicador nos lábios. Eu segurei mais um sorriso, não apenas porque aquilo era bonitinho, mas porque eu havia conquistado sua atenção.

Depois que o avião aterrissou, ela respondeu.

— Babacas — ela disse. — Babacas nos aviões que ficam dando em cima de mim quando eu só quero ficar sozinha.

Sem pensar, sem nem ao menos perceber que ela falava de mim, eu disse: — Eu posso te proteger deles.

Ela me encarou, perplexa. Ao perceber que eu falava sério, desatou em gargalhada.

Quando percebi o motivo da risada dela, eu fiz a mesma coisa.

Assim que alcançamos a ponte de desembarque, não tínhamos apenas nos apresentado um ao outro, nós também já tínhamos trocado os nossos números de telefone.

Antes de ir embora, ela perguntou: — Como?

— Como o quê?

— Como você vai me proteger daqueles babacas dos aviões?

— Eu ia obrigar os caras a ficarem na poltrona do meio com os braços amarrados e ia fazer neles um monte de cortes de papel usando o cartão das instruções de emergência.

Ela riu novamente, uma risada mais longa e mais forte que a anterior. Ainda não me cansei de ouvir a risada dela.

Aquela conversa se tornou um pedaço da gente. No primeiro Natal que passamos juntos, dei a ela uma caixa enorme, grande o bastante para guardar uma tevê gigante, uma caixa toda embrulhada e amarrada com um laço. A única coisa dentro dela era um cartão com instruções de emergência.

Em todos os Natais desde então, tentamos inventar a referência mais criativa para essa nossa piada interna. Uma vez, dei a ela um colete salva-vidas, daqueles achados debaixo das poltronas. Tempos depois, ela redecou nossa árvore de Natal com máscaras de oxigênio.

Sempre que entro em um avião e vejo o cartão com instruções de emergência, eu ainda dou um sorriso.

O estranho é que, se eu precisasse escolher um momento, o exato momento em que tudo entrou em sintonia e nos levou para onde estamos agora, eu diria que foi por causa de um corte de papel.

Aconteceu quando Rory estava com oito anos. Ele tinha amigos, mas não muitos, era um garoto bem mediano na escala de popularidade, por isso foi uma surpresa quando um menino chamado Hunter fez um corte de papel em Rory. De propósito. Eles discutiam sobre qual super-herói era mais forte, quando Hunter ficou bravo e cortou Rory. O corte foi na dobra entre o polegar e o dedo indicador da sua mão direita. Foi doloroso o suficiente para fazer Rory gritar.

Mandaram Hunter para casa pelo restante do dia e Rory foi ver a enfermeira, que fez um curativo na sua mão e deu um pirulito sem açúcar para ele. A dor foi esquecida bem depressa.

Naquela noite, depois que as crianças foram dormir, Millicent e eu conversamos sobre o corte. Nós estávamos na cama. Ela tinha acabado de fechar o seu notebook e eu desliguei a tevê. As aulas mal haviam começado, e o bronzeado de verão de Millicent ainda não tinha desaparecido por completo. Ela não jogava tênis, mas adorava nadar.

Millicent pegou minha mão e esfregou o filete de pele entre meu polegar e meu dedo indicador. — Você já teve um corte aqui?

— Não. E você?

— Já. Dói pra diabo.

— Como foi que aconteceu?

— Holly.

Eu sabia muito pouco sobre Holly. Millicent quase nunca falava da irmã mais velha. — Ela te cortou? — perguntei.

— A gente estava fazendo umas colagens com as nossas coisas preferidas, recortando umas fotos de revistas e colando em folhas grandes de papel colorido. Holly e eu fomos pegar a mesma folha ao mesmo tempo e — ela encolheu os ombros — eu me cortei.

— Chegou a gritar?

— Não me lembro. Mas eu chorei.

Peguei a sua mão e beijei aquele corte há tanto tempo esquecido.

— Quais eram as coisas preferidas? — eu perguntei.

— O quê?

— Você disse que estavam recortando fotos das suas coisas preferidas. Que coisas eram essas?

— Ah, não — ela disse, recolhendo a mão e apagando a luz. — Você não vai transformar isso em mais uma loucura de Natal.

— Você não gosta da nossa loucura de Natal?

— Eu adoro. Mas não precisamos de outra.

Eu sabia que a gente não precisava. Estava tentando desviar o assunto de Holly, porque Millicent não gostava de falar sobre ela. Foi por esse motivo que eu perguntei sobre as tais coisas preferidas.

Eu devia ter perguntado sobre Holly.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Minha adorável esposa"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).